TRANCRIÇÃO DA AUTOCONFRONTAÇÃO 1

EPISÓDIO 1 – “COMO É QUE O MACAQUINHO FAZ?”

M: Maíra

V: Vanessa

S: Soraya

P: Pedro

PIMEIRO EPISÓDIO

(5:56 - Risos da Vanessa junto a uma expressão de constrangimento)

(8:05 – Vanessa balança a cabeça como sinal de negação)

(9:15 – Vanessa sorri e olha para a Maíra)

S: Meninas, vocês lembram desta atividade nesse dia?

M: uhum..

S: O que vocês podem comentar desta cena especificamente?

V: Na primeira cena, o que aconteceu. A professora, ela tinha, a gente falou para ela pegar as bolinhas, que todas nossas atividades tavam, ia precisar utilizar as bolinhas. Aí ela falou que ia pegar. Só que assim... A gente já tinha subido com as crianças, já estavam todo mundo sentado e ela não tinha voltado ainda, ela estava, tipo, fazendo outra coisa lá embaixo. Tanto que eu falei com Maíra para descer, tanto que eu estava sozinha no início. E aí, eu não conseguia pensar em nada, única coisa que eu lembrei, que eu tinha umas imagens, tipo, dos animais. E aí, era o que eu tinha para fazer, para que as crianças não ficarem sem fazer nada sentadas. Aí no início eu pedi para...para a Maíra chegar com as bolinhas, então a gente começou a fazer as atividades. É, as outras atividades realmente não funcionaram tão bem como a gente queria. Eles estavam, a gente pediu para segurar assim, eles estavam enrolando as bolinhas. Em dupla, uma dupla ou outra estava fazendo direitinho, eles gostavam mais que as bolinhas caíssem, que eles jogavam no chão para pegar a bolinha. Enfim, acho que este dia não foi um dia que foi muito bom não, para essas atividades.

M: Não funcionaram muito bem, não.

S: Você teve esta mesma visão, Maíra?

M: Sim! Muitos ali carregando só segurando. Por mais que você falava, corrigia, eles voltavam...

S: E qual era o objetivo desta aula, especificamente?

V: É de eles trabalharem...A gente mostrar que talvez em dupla fosse um pouquinho mais fácil para eles carregarem. Trabalhando mais em grupo fosse maior...

S: A ideia era... O objetivo era o trabalho em equipe?

V: Era, a cooperatividade.

S: Vocês acham que o objetivo foi cumprido?

M: É, foi menos pior o em dupla do que individual.

S: Você fala o individual nas aulas anteriores?

M: Não, nessa aí mesmo.

V: Na atividade mesmo. O carregar sozinho, em dupla foi melhor. E eles interagiam. Então, teve crianças que assim, não queriam fazer com outra criança específica. Aí a gente conversou e falou para ele fazer e tal, para todo mundo fazer com todo mundo, porque realmente eles têm aquela preferência. "A não, quero fazer só com uma pessoa" se deixar...eles vão fazer...

S: Mesmo que desde de muito pesquenininhos já essa...

V e M: Já tem essa preferência.

S: Alguma cena chamou a atenção, algum episódio específico, chamou mais atenção de vocês nessa aula? O que chamou mais atenção de vocês?

M: Uma coisa que eu percebi é que as vezes a gente não percebe tanto as dispersões da criança, né. Porque é muita criança, igual teve o José que ficou correndo umas três vezes, e eu nem tinha visto isso durante a aula. Eu acho que é muita coisa que a gente não percebe e que realmente acontece, porque, por fim é muita gente.

V: E eu acho que a gente também, tipo, organização mesmo, sabe, de... Igual, os meninos ficam assim muito em volta, e não... Eu não gosto muito de fila, mas acaba que fica um pouco mais organizados, porque eles ficam todos muito em volta, e acaba dispersando

mais fácil, não sei... Vendo o vídeo deu para reparar que eles ficam um pouco mais disperso.

S: E essa aula saiu como vocês queriam?

M: Não!

S: O que que aconteceu? O que vocês fariam de diferente?

V: Então, a gente até trabalhou depois, uma aula foi que a gente usou um lençol, a gente pegou um grandão. Eu acho que funcionou bem melhor, no sentido de trabalhar todo mundo juto, que todo mundo tinha que segurar no lençol, e eram várias bolinhas. Eu acho que funcionou muito melhor, acho que eles interagiram muito melhor. Eles conseguiram cumprir mais o objetivo da atividade, do que nessa que eu acho que era muito pequena demais.

S: Então você aumentaria o...

V: É! Que a gente fez depois e... e foi legal, funcionou melhor. Então acho que para talvez essa atividade... ou então organizar eles em fila, que cada um por filinha ir lá e carregar a bolinha. Não sei... acho que ficaria melhor para essa atividade específica. E o início realmente foi uma coisa que fugiu muito assim, e realmente eu não consegui pensar em outra coisa. Deixar os meninos parados lá, fazendo nada. Porque todas as nossas atividades eram com bolinha. Já aconteceu mesma coisa de, assim, já atrasar para chegar com o material, a Janalisa, e ai a gente tem que começar com outras atividades... Tanto que foi na aula que você foi observar, que a gente começou com... não era nossa primeira atividade, mas a gente começou porque o material não tinha chegado. Só que nessa, todas atividades precisariam ter a bolinha. Aí a gente...se enrolou...

S: Vocês improvisaram, saíram um pouquinho do que estava escrito... O que vocês acham disso? Sobre esta versão de vocês, de saírem do que estava escrito, e de certa forma ter que repensar nas atividades?

M: Acho que isso vai acontecer o tempo todo, né!?

V: Isso não me incomodou, só que realmente por ser uma aula que a gente tinha planejado toda em cima de utilizar as bolas, foi muito ruim. Porque talvez eu conseguisse improvisar outra coisa, talvez outra atividade relacionada com as bolinhas mesmo, que era a proposta.

Mas como não tinha isso, eu tive que ir para uma linha totalmente diferente, mas eu acho que isso faz parte, realmente, vai acontecer mais vezes... (risos)

S: Como é que vocês acham que...viram a participação da turma nessa aula em específico?

M: Eu acho que foi bem mais baixa que o normal. Acho que eles se dispersaram mais, fizeram menos as atividades. Achei mais difícil a questão da bolinha, do controle. Então, fazendo a atividade mesmo o tempo foi muito pequeno. Na realização da atividade foi muito pouco. Parte do tempo a bolinha estavam no chão, eles só estavam correndo.

V: E foi nessa atividade, também, que eles tinham acho que jogar a bolinha na parede? Acho que foi a mesma.

S: Como é que vocês acharam que eles sentiram fazendo estas atividades?...

V: Eu acho, assim, que eles fizeram do jeito que realmente eles queriam. Eles não focaram nas regras em si. As regras que a gente queria..., colou nas atividades, eles não cumpriram, acho que para todas as atividades foram assim. Eu acho que faltou também, a gente reconhece depois, de colocar coisas mais visuais. A gente cria a história, só que assim, não tem um desenho, uma figura para ficar mais claro assim para eles. Então, assim, "ah, tive que jogar a bolinha na parede, mas tive que jogar com o pé", eu acho que era isso, com o é com a mão, aí eles queriam jogar só com a mão e jogavam só com a mão, então virava aquela bagunça. Aí a gente tinha que parar, e mesmo que a gente reforça-se assim, tentasse falar as regras de novo, eles estavam fazendo o que eles queriam, que era da forma mais fácil para eles. Então **o** cumprir regras nesse dia, não funcionou em nenhuma atividade.

S: Entendi. Então vocês acham que a maior dificuldade dessa aula específica foi a questão dessa organização?

V: É, sim. A gente não conseguiu organizar mesmo não.

S: E se vocês fossem fazer alguma coisa diferente nessa atividade? No caso, você falou que colocaria mais imagens, mais questões visuais, ou até mesmo um tecido maior... o que mais?

V: É, eu organizaria eles melhor, talvez em fila, não sei.

M: Ou talvez até acrescentar mais pessoas, talvez em trio, quatro pessoas, eu acho também que fica mais fácil pegar com um paninho maior. Acho que facilitaria bastante.

S: Pedro, você teria alguma contribuição a dar com relação a fala das meninas?

P: Só questionar mesmo no sentido que...vocês vêem que quando vocês permitem essa liberdade, essa dispersão maior dos alunos, vocês acreditam que isso contribui para um aproveitamento melhor do aluno com relação a atividade, realizar da forma como ele acha melhor ali. Você acha que isso foge do objetivo da atividade?

V: Eu acho, que sim. Assim, cada um vai ter uma forma de fazer, a gente não pode querer que ele execute um padrão, assim... Não, cada um vai ter um jeito diferente. Só que, assim, é uma questão de até cumprir realmente regras. Naquele momento a gente pede para fazer primeiro com a mão, depois vamos fazer primeiro com o pé, vamos fazer primeiro sozinho, depois faz em dupla, ai troca assim. Acho que também é tudo combinado os que a gente faz. E ai, eles, acho que eles não cumprirem isso, ou ficarem muito dispersos, é pior. Acho que eles não tem um aproveitamento da atividade. Isto é só um momento para eles estarem correndo, entendeu, se a gente não faz uma intervenção assim.

S: O que você acha, Maíra?

M: Eu acho que é difícil você impor muito um padrão, né!? "Ah, vocês tem que carregar assim"...

S: Principalmente para essa idade...

P: Sim!

M: Ainda mais nessa idade. Mas eles realmente tem que tentar fazer a atividade, fazer com que a atividade ocorra, né!? Porque, por exemplo, as crianças estavam fazendo assim [embrulhando o plástico], então não tem nada a ver com o propósito da atividade. Então eles tem que tentar aproximar ao máximo do que dá para fazer, que seria com o pano mais estendido. Então a questão para mim seria mais essa. Eles tem que realizar do jeito deles, mas não totalmente livre e do que foge do propósito.

P: E um segundo ponto também, pode colocar?

S: Claro!

P: Com relação a segunda pergunta, quando vocês falaram sobre o José, que ficava correndo...no final, inclusive, Maíra, você veio, chamou ele para fazer a atividade junto com você e vocês começaram a fazer. Vocês acham que esta intervenção que você fez ela foi correta naquele momento, ela beneficiou de alguma forma o José?

M: Eu acho que sim, porque ele não queria fazer a atividade, e de certa forma eu estava tentando incluir ele, fazendo ele voltar a atenção, e talvez depois que eu saísse, ele conseguisse voltar com as pessoas. Eu acho que é uma forma de tentar trazer ele de volta para a atividade, aqueles que estavam se recusando naquele momento.

V: A gente costuma fazer isso, não sei se está certo. Mas quando a criança não quer participar, a gente vai lá, conversa, e a gente tenta trazer. Às vezes a gente faz uma vez com ela, e aí depois "ah não, aí agora você faz com o outro".

S: É sempre importante, né!?

M: Eu acho que incentiva...

S: Vocês, além de incentivar, elas visualizam, né, no olhar!? Há discussões sobre isso, né!? A partir do momento que a criança visualiza, ela vai lá e executa. Mas vai chegar um determinado momento que não precisa sempre desse momento em que você tem que fazer a atividade. Chega um momento em que você dá o comando e ela consegue perceber claramente. Mas, por enquanto, os exemplos são sempre importantes.

E aí vocês falaram de alguns contratempos, que de fato acontecem em todas as aulas. As vezes eles perpassam o que a gente escreve no nosso planejamento, por exemplo, a própria questão (a gente não vê uma indisciplina) mesmo da organização, do tempo, das atividades, da participação das crianças. Como é que vocês conseguem contornar estes acontecimentos que acontecem, ou que aconteceram nessa aula, especificamente.

V: Quando acontece algum imprevisto assim?

S: Uhum...que vocês relataram alguns, mas o que vocês fariam para contornar esses contratempos.

V: Não sei se eu entendi bem. (risos)

M: Depende muito da situação, eu acho.

S: Porquê assim, certas coisas a gente coloca nos nossos planos, no plano de aula e no plano de ensino. Mas outras coisas acontecem e meio que as vezes a gente fica tão preso a algo que está escrito, que quando acontece uma situação dessa, de um aluno ter essa dispersão, de um aluno não responder da forma como você gostaria que ele respondesse

a atividade. Diante dessas situações, como é que vocês contornariam a essas adversidades?

V: Então, a gente...

S: Pedro, ajuda aí.

M: A gente tenta mais conversar mesmo, tipo, "ah, vamos participar mais", sei lá, alguma coisa assim.

V: Só que a gente já percebeu que tem alguns que não funcionam assim, "Ah, vamos!", e tal, não funcionam! Já tem outros que são mais assim, que você tem que ser duro mesmo, dar uma negociada mais "pesada". Só que aí aca vindo, só que tem assim, tem criança que é mais difícil, que a gente tem mais dificuldade para controlar, e aí as professoras também já falaram isso dela, que com ela tem que ser mais "pesado", porque ela é muito difícil. Tanto que ela tem atrapalhado, assim, "bem pouco a sala".

M: Na aula aí [aula 4] ela não estava, mas..

V: É, mas aí ela não estava. Mas, assim, a gente tenta conversar mesmo, quando ou está correndo demais, ou está dispersando demais. A gente chama de novo para a roda, ou deixa sentado, fala que vai deixar sentado e depois vai lá conversar com ele, sabe, para tentar trazer de volta, mas no momento não quer participar sabe, "senta ali" para não atrapalhar a turma. Aí depois a gente vai lá, conversa e volta.

S: Tá! Então deixa eu só ampliar mais um pouquinho essa discussão. No ato do planejamento, vocês pensam nessas possíveis questões, ou não? Simplesmente elas acontecem no momento da aula e vocês tem que improvisar?

M: É no momento da aula, porque é muito imprevisível saber como cada um vai lidar com a situação. Por exemplo, se eles não entenderam a brincadeira, a atividade, a gente volta e explica de novo. Se acontece esse caso, aí é mais intervindo mesmo. A gente já sabe mais ou menos o perfil de cada um, a gente já sabe com quem pode dar certo, quem pode não querer fazer a atividade, e tal, mas aí é só conversando mesmo, ou conversando mais firme mesmo.

V: Até porque tem criança que atrapalha, assim, bagunça em algumas aulas, mas tem outras atividades que eles super participam. O Gabriel, por exemplo, tem algumas atividades que ele super participa, então, assim, é muito do dia. Talvez a atividade se

cativou mais, se se, se ele gostou mais, não sei... Aí depende, no dia a gente faz essa intervenção na hora.

P: Nesses momentos que você citou o Gabriel, você tem em mente, assim, em específico, quais atividades que ele se interagiu melhor, até então, nessas intervenções que vocês fizeram? Se quando vocês desenvolveram uma atividade e conseguiu chamar ele para a aula, os outros alunos também acompanharam, participaram da aula? Ou não, eles já se dispersaram mais?

V: Eu lembro que tem uma que tinha mascarazinha na cara, ele participou. Mas assim, o perfil de atividade que ele responde melhor?

M: Não sei!

V: Tem assim, em tais atividades ele, ele fez bem, participou e tudo mais.

M: Eu sei que tem umas também que quando ele também não engaja muito, ele consegue tirar mais gente também. Então ele acaba atrapalhando também não só ele, mas também outras pessoas.

S: E aí, o que vocês fazem quando isso acontece?

M: Ah, com ele também não pode ser muita conversa não, tem que ser mais duro mesmo, se continuar atrapalhando vai sentar, porquê com ele não funciona conversa só.

V: Só que ele atrapalha menos que a Evilyn, porque a Evilyn vai e faz igual o do lençol que a gente fez. Estava todo mundo assim, envolvido e tal, ela pegou e fez assim [fez o gestual]. Sabe, era para todo mundo equilibrar as bolinhas, então ela foi e jogou todas para cima. Ela vai lá e costuma atrapalhar a atividade mesmo. O Gabriel assim, ele dispersa e todo mundo quer copiar, e ele vai atrás e, ela não, ela faz um trem que até as crianças reprovam também. "Não é para fazer assim", e tal. Agora ele, as pessoas, as crianças começam a copiar.

S: Vocês acham que eles tinham noção da atividade que vocês propuseram? Noção que eu falo, do objetivo. Ou simplesmente estavam fazendo por fazer a atividade.

M: A gente colocou um motivo para eles estarem carregando, tinha uma historinha por trás.

S: Vocês acham que eles perceberam o objetivo?

M: É, porque a gente até falou o motivo, eu acho que essa era de dar comida para o macaco?

V: É!

M: Então, "ah, a gente vai dar comida para o macaco, então eu tenho que pegar a bolinha e levar lá". Então que isso eles já entenderam, que é dar comida para o macaco.

V: Eu acho que é muito no início, eles se envolvem mais no início.

S: No início das atividades?

V: É, de todas. Aí parece que depois eles se dispersam.

M: Eles dispersam, perde o objetivo.

S: Por quê?

V: Não sei se perde o interesse. Acho que fica mais legal... tudo deles é melhor no chão! Cair no chão, jogar a bola no chão. Tudo assim. Quando a bola começa a cair, todo mundo quer pegar a bola no chão, e acho que eles começam a acha aquilo mais interessante do que a atividade.

S: Por que vocês acham que isso acontece?

V: Não sei se é deles.

S: E vocês vem percebendo isso no transcorrer das aulas? E o que que vocês pensam para refazer ou repensar as atividades, para que eles tenham a mesma intensidade do início até o fim?

V: Não faço a mínima ideia. Assim, a gente, uma coisa que a gente chega em comum, e a forma também como a gente conta, como a gente cria uma história, como envolve eles, eu acho que assim, a gente também peca um pouco. Talvez criar uma atmosfera que a criança ela entre no mundo...

S: Mergulhe, né!?

V: É! Só que assim, eu observando a semana passada que eu fui, a nossa turma é uma turma bem agitada, é bem diferente. Eu acompanhei duas aulas, que é a nossa turma que a gente dá aula, e a outra turma também, mas que é a de maternal. Nossa, é muito diferente! A nossa é bem, é bem mais agitada. Aí a gente, não sei se é mais difícil para a gente conseguir manter o controle.

S: Pedro, você tem alguma sugestão para que elas mantenham essa intensidade das aulas do início até o fim? Porque pelo que elas me falaram, no fim é meio que as crianças preferem estar rolando no chão do que estar na aula de educação física, aí a educação física acaba ficando chata, né!? Então a gente está privando nossos alunos desses prazeres da diversão, enfim, que também não é só isso, é conhecer e passar pelos conteúdos. Mas acaba que perde o prazer, e isso acaba sendo ruim. O que você sugere, Pedro?

P: Sim. Talvez até mesmo seguir a intensidade dos alunos. Eles são alunos agitados, alunos que querem correr, porque a criança ela tem essa necessidade de expressar a pulsão, de correr, de gritar, elas gostam. Sua turma também gosta bastante disso. E, quando você coloca uma atividade totalmente rígida para estes alunos, vai totalmente

contra o que eles querem fazer, a forma como eles querem se expressar. Então, uma das formas é vocês buscarem seguir mesmo a intensidade dessa turma, aproveitar que é só uma turma que vocês intervêm, que vocês vão ter essa liberdade de seguir o rítmo delas. E até a própria...quando a gente experimenta algo, é bom, que a gente gosta, e aí continua experimentando isso durante vários momentos, o tempo todo, acaba que isso acaba perdendo o sentido também para a gente, mas quando a gente muda o tempo todo, não perdemos o prazer naquilo.

[extravio de dados]

V: Tem uma parte das crianças que não gostam de correr. Então, assim, toda vez que a gente coloca uma atividade que é para correr, já tem um ou outro que já vai e senta. "Ai...não quero..."

M: Teve um lá que virou e me falou que não gosta de correr.

S: Então, olhem, esse é um dos grandes desafios que a gente tem, que vocês tem a partir de agora, que é recuperar o movimento das aulas de educação física. A gente está, aparentemente, parece que diminuindo essa intensidade do movimento. Atividades mais paradas e as crianças vem com esse tipo de discurso. Então a gente precisa repensar e fazer com que elas tenham esse gosto mesmo pelo movimento.

V: Acho, assim, a gente tenta mesclar bem as atividades. Acho que a gente nunca montou uma aula assim que, por exemplo, era só correr, sabe, só com atividades que vão correr. A gente tenta mesclar, e tal.

M: Porque elas não aguentam.

S: Quando falo movimento não é nessa intensidade. É mesmo que recuperar isso, porque as crianças sempre vem com essa de "Não, vou ficar aqui sentado que é melhor".

V: De que a criança tem que se movimentar, realmente. Pois é, quando acontece isso a gente "Ah não, vamos correr!". Aí costuma que começa a participar, aí vai lá e senta. Tanto que é a B[aluna] não gosta de correr, fala que não pode correr. A gente vai lá, conversa e tal, aquela situação que a gente chama: "Não, vem cá! Vem correr comigo". A gente corre um pouquinho aí vai lá e deixa, aí depois faz sozinho, depois, sabe? A gente tenta sempre trazer e não deixar ficar lá só.

S: Vocês acham que vocês conseguiriam fazer outro trabalho, mas com o mesmo objetivo dessa atividade, especificamente?

V: Outra atividade, só que trabalhar com...

S: Atividades com o mesmo objetivo.

V: É, trabalhar com algo maior, que pequeno, também, fica uma atividade muito difícil. Ele maior é mais fácil, depois talvez a gente mude de tamanho. Ou carregar em outro recipiente, outra coisa. A gente colocou até no "conezinho", mas o problema é que era muito grande, não tinha o que equilibrar. Trabalhava assim. Não era tanto o objetivo.

M: O que eu penso seria só modificar, principalmente o que nós usamos, que seria o pano. Mas aí teria que adaptar mesmo. Nós pensamos também em um copo, um copo de plástico, que teria que colocar em cima. Que no cone ficou muito grande, então não tinha que equilibrar nada. Aí no copo talvez daria, porque...

S: Entendi. Só para a gente finalizar, vocês assistindo a cena de novo, saiu de acordo com o que vocês queriam? O objetivo, o planejamento alcançado?

M: Não!

S: Por quê?

M: Eu acho que eles não realizaram, tipo, completamente a aula. Eles fizeram uma ou duas vezes, depois dispersaram muito. Não sei se realmente eles conseguiram alcançar o objetivo.

S: Eu acho que Pedro teria algumas considerações a falar sobre essa aula, que não necessariamente a gente viu de uma forma tão negativa assim. A gente viu vários avanços nas aulas de vocês. É algo que a gente sempre quer modificar, quer melhorar. Mas a gente têm alguns pontos positivos para destacar. Você pode destacar, Pedro?

P: Um deles, é que...

M: Eu acho que nós temos um problema de sempre ver o pior da aula.

V: A gente sempre sai assim: "Nossa, foi horrível". Ai vai, conversa com o Pedro ou com a Natália. "Não, mas eu achei a aula boa, aconteceu isso, isso e aquilo...". Eles falam coisas boas, aí a gente fica assim: "Não, mas podia ter sido diferente".

S: E vocês não conseguem ver o avanço que vocês tiveram até agora não? Da primeira aula até...

V: Sim sim, com certeza! Mas é porquê...

S: Isso não proporciona prazer para vocês, de crescimento...

V: É porque a gente sempre quer a mais, sabe? Quer fazer uma coisa melhor. A gente sai com uma sensação de: "Nossa, eu podia ter feito uma coisa que talvez fosse melhor". E, não sei! A turma parece que não sei se é verão, os meninos estão mais agitados. Aí tem a Evylin que tem atrapalhado bastante a aula. E aí quando ela vai, dá uma agarrada. Até a Natália mesmo estava falando que a menina é difícil. A professora também acha...

M: Ela é assim, ela vai, participa da atividade um pouquinho, bagunça e senta. Aí vai eu conversar com ela, ela vai na atividade, bagunça e senta. É a aula inteira.
S: E aí, o que vocês vão fazer para que Evylin mude essa atitude dela nas aulas de vocês? Vocês já pensaram especificamente sobre...
V: Então, eu tinha conversado com a Natália. Ela já tinha até sugerido talvez de um dia ela ficar na sala ou ficar sentada, tipo, a aula inteira. Porque, assim, ela faz muito o que ela quer. Então ela fica sentada na hora que "Ah, agora eu quero!", vai lá, bagunça, e faz isso mesmo. Então eu sei que toda hora ela fica, tipo, aí na hora que ela bagunça e alguém fala alguma coisa aí ela vai lá e senta, fica quieta. Então, assim, é muito, ah, ela não vai participar de uma aula que a gente quer que ela participe, que ela vai lá sem culpa. Ela vai muito, assim, na hora que "dá na telha", e eu acho que não pode ser assim.
M: Eu acho que em muitas partes ela vai, participa da atividade quando ela acha legal, aí quando começa a falar, fazer as intervenções, aí ela vai e senta, não escuta nada. Então, teve um dia, a última aula [aula], eu cheguei a intervir e falei que se ela não quisesse escutar, ela também não iria participar das atividades, porque ela vai para as atividades sem pegar instrução nem nada, só para fazer bagunça.
S: Pedro, você pode falar destes dois aspectos, especificamente?
P: Da Evylin, em específico?
S: Da Evylin e dos pontos que a gente quer destacar.
P: Sim! Talvez, vocês já pensaram em atribuir mais funções a ela, porque durante a atividade prender ela, trazer desde o início, tanto com a relação com a organização da aula, quanto "Vamos lá, busca tal material, traz...". Vocês já tentaram?
V: Já! Não deu! É que assim, a gente já deu uma atividade que era, que tinha que passar a bolinha de lado, passava a bolinha na mão de todo mundo. Tinha aquelas crianças que também não queria passar a bola pra cá. Ou elas ficavam segurando ou pulavam um. A gente ia e intervia tudo bonitinho. Só que ela estava a última, então ela era responsável por pegar a bolinha e colocar na caixinha, e ela não pegava. Ela pegava, saía para algum outro lugar, e ficava assim. Então durante a passagem, por mais que tivesse estes empecilhos, eu conversava com as crianças e elas iam obedecendo, ia fazendo todo mundo, não pulava a mão de ninguém, eu não ficava... Porque sabiam que não era o objetivo, não era cada um ficar com a bolinha, era passar realmente. E aí ela não, ela ficava mexendo a bolinha no chão, e ela não queria "botar", e ela que tinha a função principal, digamos, que era no final do negócio. Então, assim, não sei, a gente está numa incógnita.

M: Em caso bem especial.

P: Então eu acho que é mais experimentação, também, com ela. Ver formas, tentar inserir mais uma aula. O castigo ele as vezes aparece como uma ferramenta, mas ele não vai concertar ela do dia para a noite. Tem que pensar em como utilizar também de forma eficiente para ela, que talvez um castigo pelo castigo não surta efeito nenhum.

S: Pode ser que ela volte até pior.

V: Pode ser que ela fique na sala e ela goste, aí que realmente ela não vai querer ir para a aula. Então, assim, tem que...

M: Só que eu acho que ela também tem um pouco de dificuldades de seguir regras, porque ela quase não vai nas aulas. Ela falta muito, então ela não acompanha o nível da turma. Então, por exemplo, todas as outras crianças sabem o que tem que fazer tal hora, ela não acompanha, porque ela falta muito. Então não é só uma questão das aulas, é essa questão da presença também. Tanto que ela quase, deve ter ido em metade das aulas.

V: E a própria turma reprova as atitudes que ela faz.

P: Então, até para a gente superar isso, a medida que eu fui vendo o vídeo de vocês, eu que acompanhei a primeira aula, não cheguei a ir nessa aula, só que eu assisti toda a aula, além desses episódios que a gente passou. Eu senti muito uma melhora de vocês co relação a própria organização da turma, com relação a, "vamos iniciar tal atividade!", então você, principalmente você Vanessa, fazia uma distribuição do material de uma forma que os alunos: "Ah não, eu quero tal cone, eu quero o cone daquela cor!" "Não, calma aí. Vamos fazer, esse cone não vai atrapalhar não, vai dar para você fazer com ele". E aí a própria forma de se dirigir aos alunos, de fazer com que eles tentem se engajar na aula, foi uma evolução muito grande. Vocês perceberam que os alunos faziam a atividade, vocês recolhiam o material, claro que com certa dificuldade, mas eles vinham, eles juntavam, sentavam em roda, porque vocês sabiam a hora certa, não é só simplesmente "Acabou a aula, me deem o material, senta lá!". Ao mesmo tempo que a Vanessa ia pegando os materiais aos poucos dos alunos, tinha aquele aluno bagunceiro que queria ficar brincando ali no canto, vocês pegavam primeiro o material daqueles alunos mais concentrados na aula, que queriam ir lá sentar, e depois iam pegando dos outros, enquanto a Maíra ia chamando, ia juntando os alunos. Então a própria utilização da dupla, e os momentos de iniciar uma atividade, começar outra, de organizar, distribuir o material, foi uma evolução muito grande que vocês tiveram. Às vezes a gente fica um pouco, eu também fico um pouco frustrado quando eu penso a atividade, na minha cabeça o aluno vai fazer desse jeito, só que chega na hora e ele não faz daquele jeito. Só que, ao mesmo

tempo, por mais que ele não passou por todas as etapas que eu queria, ele está cumprindo o objetivo à forma dele. Tanto que você ouviu várias vezes os meninos gritando, não assim, num sentido "Ah, eu vou gritar aqui", mas a bolinha caia e eles riam um com o outro, "Não, pega! Não, você tem que fazer assim!", e por mais que vocês esperassem que eles fizessem de outras formas, eles podiam compreender, grande parte dos alunos, como fazer aquilo. Um falava diretamente para o outro: "Olha, você está levantando muito!", "Você está movimentando muito!", "Não! Não faz isso!". Que é uma forma deles mesmo construir a aula entre eles, que talvez nós enquanto adultos, não estamos vendo que eles estão seguindo, que eles estão aprendendo. Só que entre eles, da forma deles, eles estão conseguindo aprender a atividade, aprender o objetivo. Ai nesse sentido, eu achei uma evolução enorme. Claro que vocês vão querer que melhore, que aprenda mais, mas isto aí só com progresso e com a mesma turma. Porque quando vocês pegarem outra turma, vão ser os desafios iniciais tudo de novo.

S: É, uma coisa aqui que eu estava pensando, sobre a questão da intensidade, que parece que nos minutos finais, vocês pontuaram isso, pensei assim, "Ah, como é que vocês podem fazer?". De repente reduzir o número de atividades, se concentrar em duas, ou ficar mais tempo naquela atividade que vocês estão vendo que eles estão se divertindo mais. Não necessariamente precisa ficar engessado ou preso ao plano, ao planejamento. É logico que vocês têm que seguir o objetivo, e as atividades que vocês pretendem trabalhar. No entanto, se vocês percebem isso, é questão de dia mesmo. Tem dia que as crianças chegam mais agitadas ou mais sonolentas, ou mais, enfim. Daí, vocês percebendo isso, eu penso que é intensificar em uma ou duas atividades, para que essa intensidade ele não cai. Acho que esse é um dos grandes desafios de vocês. Deixa eu fazer só mais uma pergunta, só para a gente finalizar: qual é o sentimento que vocês têm ao se ver de novo na cena, nessa atividade, sendo filmadas?

V: Eu fico com aquele sentimento de que "nossa, eu podia ter feito meio diferente". Mais questão disso, talvez de mais questão de conversar, o jeito de conversar, de chamar as crianças.

M: Eu vejo muitas coisas que eu não percebi durante a aula. Acho que esse é o ponto principal para mim. Eu, "Nossa, eu não vi que aquela pessoa estava fazendo isso, e tal", então teve, por exemplo, o José correndo. Eu não tinha visto, mais teve uma hora que chamei ele, que ele estava correndo, mas eu não tinha percebido que ele estava correndo a várias horas. Igual outra menina, duas menininhas aqui, quando entregaram o paninho, estavam brincando aqui, e eu não tinha visto isso durante a aula. Só que aí estava lá,

entregando a bolinha para elas, pouco tempo depois. Então acho que tem umas coisas que a gente faz, que não percebe durante a aula, mas que também ajuda, né, mas tem muitas coisas que eu não...

P: E de aspectos positivos, o que vocês...

V: É, eu acho que assim, a aula que a gente deu, que era tipo avaliação, eu acho que foi legal. A gente sai muito com esse sentimento de que "nossa, acho que não foi legal, a aula não fluiu bem, acho que podia ter feito tal coisa". Só que, quando a gente, quando a gente fez a avaliação, a gente quis repetir aquelas atividades que a gente já tinha feito, que a gente achou que fluiu melhor. E, assim, para ver realmente o que eles estavam lembrando do que a gente tinha trabalhado antes. E na hora que estava conversando, e eles estavam lembrando assim, tipo, "Ah não, a gente fez tal coisa, tal atividade, a gente cantou tal musiquinha", eles lembravam da musiquinha. Sabe, assim, eles...não foi assim, "Ah não, eles fizeram as atividades sem assimilar nada". Não! Eles conseguiam relembrar, sabe? Eu achei isso legal...

M: Realmente eles lembravam das coisas. Eles já tinham, tipo, três semanas que a gente já tinha começado a dar aula...

V: A gente fica com medo, assim, de, nossa, não foi legal a aula, acho que eles não se envolveram, mas não, eles...

M: Eles realmente absorveram alguma coisa de cada aula.

P: De certa forma, fez sentido para eles a aula. Por mais que vocês acharam que não.

M: É, por exemplo, eu acho que eles não lembram muito das brincadeiras que eles fazem, mas eles lembram dos elementos das histórias. Então, quando pergunta: o que vocês lembram? "Ah, a gente viu carneirinho, a gente viu tal coisa." Acho que eles lembram muito mais o que a gente usa, do que realmente das atividades.

V: E aí a gente vai conversando, e aí vai trazendo também. Igual, lembra tipo, da raposa. Aí tinha um caçador, aí pergunta: "mais o que eles faziam?", entendeu? Aí, tipo assim, "tinha que pegar. Tinha que fazer tal coisa." E eles vão lembrando, e a gente com medo de que eles não fosse lembrar nada, mais não, foi legal.

S: Meninas, vocês teriam mais alguma coisa para falar, que não foi comentado, vocês gostariam de falar dessa atividade em específico? Tudo já foi contemplado? Pedro?

M: Eu só tenho uma coisa a declarar, não em relação a essa aula, mas em relação a idade. Nós não temos muito contato, nunca tivemos contato com crianças dessa idade. Então nós não sabemos muito até que ponto o que eles sabem, até onde a gente consegue ir, então essa foi uma dificuldade muito grande no início, para montar a aula, porque a gente

não fazia ideia do que eles conseguiam fazer, o que eles não conseguiam. E mesmo a gente lendo, buscando material, ainda foi difícil. Acho que um ponto muito importante foi isso, essa questão de pouco tempo lá, a gente já estar ministrando aula e não muito conhecimento sobre a idade, sobre as capacidades. Então foi um "back" muito grande, assim, logo no início.

S: Isso foi uma discussão, acho que fiz com outras duplas, que eles falaram que vocês, não sei se vocês tiveram outras discussões sobre a educação infantil, em outras disciplinas, e isso compromete um pouco este início, esse contato inicial.

V: Porque, assim, a gente tem noção mais questão de movimento, de padrão de movimento. Mais assim, "Ah, a criança está em tal faixa etária, ele tem que estar correndo de tal jeito", mas assim, coisas bestas, mas a gente não lembrava que a criança não podia usar um lápis, ele usa giz de cera. Tanto que a gente pensou até em levar e tal. A gente conversou com a Janalisa, ainda bem, aí ela: "Não, mais eles usam é giz de cera", e foi falando assim, "Meu Deus, faz sentido", é coisa que a gente não tem suporte. A gente vai aprendendo e está aprendendo na prática.

EPISÓDIO 2 – "O QUE É QUE EU ESTOU FAZENDO AQUI?"

S: Então, o que vocês podem comentar desta cena, dessa aula, desse episódio?

V: A organização estava péssima, nossa.

M: As crianças estavam bem... se envolveram bem menos. Naquelas outras eles fizeram do jeito deles, mas se envolveram, de alguma forma.

S: Na outra atividade, né?

M: É! Na outra observação! Nesse eu percebi que no início a maioria se envolvia, mas a medida que a música ia passando, eles já iam sentando. Tanto que no final dessa música aí, eles já estavam metade sentado e metade fazendo.

S: Qual era o objetivo dessa atividade? Dessa aula?

M: Brincadeira cantadas.

V: E aí, eram musiquinhas que eu acho que eles não conheciam. Eles pegavam rápido, mas às vezes...

M: Não, eles conheciam! Tipo assim, nós dividimos por região, aí elas seriam do nordeste, uma do centro-oeste e do sudeste. Então, a ideia era eles conhecerem as musiquinhas, cantar e dançar juntos.

S: Vocês acham que o objetivo desta aula foi cumprido?

M: [pausa] Assim, eles conheceram as musiquinhas, e as diferentes regiões. Agora, se eles se envolveram tanto na atividade, eu diria que não. Só alguns, alguns se envolveram mais que outros. Mas, não sei.

V: Aí, foi uma coisa que (não sei se foi você [Pedro] que foi assistir a aula), que aí falou para a gente também questão das musiquinhas terem mais a ver com a região. É porque foi muito difícil encontrar uma coisa que fosse característico da região, de todas elas. A gente achava sempre, tipo, a norte que tem um folclore muito forte, então a gente conseguiu encontrar mais fácil, mas no resto foi bem difícil assim. Aí, a gente até na outra aula continuou trabalhando por regiões, a gente já levou musiquinhas que eram mais características.

M: Só que a maioria das músicas eram, não iria ser, não iria ter muito corporal. Iria ser só algumas letras muito difíceis, que eles não iriam entender, que não conheciam.

V: E não dava para a gente tentar colocar o movimento, assim, saber que a gente consegue ter uma coreografia, você tem que se mexer. As outras eram sentadas, não tinha...

S: Tem alguma cena ou alguma parte dessa aula que chamou atenção, quando vocês viram a filmagem?

V: Aí, eles estavam muito sentados, a gente tentando fazer cantar, e a maioria sentado. No início foi legal que aí eles já começaram a levantar sem a gente nem falar, então já queria dançar, já queria fazer. Só que aí nessa daí [última atividade cantada], principalmente, eles já estavam sentados, muitos [intraduzivel].

S: Por que vocês acham que isso aconteceu?

M: Talvez eles não se envolveram tempo suficiente, porque se fosse só uma música em uma aula, estava "ok", depois partisse para outra coisa, totalmente diferente. Acho que por ser só música nessa aula, aí pode ter levado isso a eles, de não querer participar totalmente da aula.

V: Eu acho que a própria coreografia, que era assim [demonstração], era mais rápido, aí por ter uma parte que não cantava, eu percebi isso. A parte que não cantava "cabeça, ombro...", por exemplo, eles ficavam assim [parados], aí joelho e pé que falavam, eles iam, entendeu, mas eles ficavam sempre olhando par a gente. Eles faziam realmente o que a gente estava fazendo. Tanto que, eu acho que na outra aula (ou foi nessa, não sei), que eu percebi que era só reproduzir, que eu comecei a falar "onde é a orelha?", "onde é a cabeça?", então aí eles começaram tipo, mas para falar entendeu, para eles não ficarem só olhando para a gente e imitando, só por imitação. Mas a gente percebeu isso.

S: Vocês acham que essa atividade ela saiu de acordo com o que vocês planejaram, ou como vocês queriam, a atividade em si?

[longa pausa e sinal negativo da Vanessa, de balanço da cabeça]

M: Eu esperava mais envolvimento. O planejamento era dessa forma, maios ou menos dessa forma, de todo mundo participar, de participarem cantando e dançando.

V: Mas acho que foi melhor do que na outra, na outra aula, por exemplo, de coisas que saíram fora do planejado. Eu acho que essa daí foi um pouco melhor.

S: Você vê isso?

V: Sim!

S: Quais são as coisas que você pode destacar, como...

V: Não, o próprio, assim, fato de as crianças terem levantado, já começado. Assim, essa música que eles não se envolveram bem, mas na do caranguejo, por exemplo, eles já se envolveram um pouco mais. Mas, mesmo assim tem sempre alguns que ficam mais dispersos, é muito difícil ter o que vai se envolver a aula inteira, em todas as músicas aquele que se envolvia, não tinha. Mas, no sentido de realizar a atividade, da forma como a gente esperava, eu acho que sim. Só que o reconhecer as regiões, não foi muito não.

S: Entendi. Vendo de novo a cena, vocês fariam alguma coisa diferente? O quê?

M: Eu acho que eu não colocaria a aula inteira só de música.

S: O que vocês fariam?

[longa pausa sem nenhuma manifestação]

S: E assim, podia ser uma atividade que tivesse o mesmo objetivo, mas com a atividade diferentes. Vocês conseguiriam fazer isso?

P: Eu cheguei, inclusive eu acho que faz parte desse processo de colaboração também partilhar nossas experiências. Quando eu atuei com a Educação infantil, teve uma parte do conteúdo que eu atuei com brinquedos cantados, e aí a ideia mesmo é que eles consigam compreender a letra da música, o que ela passa. E aí não só reduzir a fazer a brincadeira, mas os alunos precisam compreender ela. Então fazer atividades e brincadeiras relacionadas com a letra, que tem a ver com a letra, que ajudem eles a compreender e, depois disso eles fazerem a própria, o próprio brinquedo cantado como ele é. E talvez isso auxilia também na própria compreensão do aluno do porque "isso" fala "isso", porque tem a ver com essa região, através da própria construção de uma brincadeira em torno dela, que não vai fugir do sentido do objetivo da aula, que é eles compreenderem esses brinquedos cantados de diferentes regiões. É nesse sentido, fugir e não ficar preso só na música pela música, a só executar o que o brinquedo cantado faz,

mas vocês mesmo criarem na visão de vocês possibilidades de recriar mesmo essa prática, fazer com que os alunos experimentem ela de outras formas.

V: Na aula seguinte, que ainda era brincadeiras cantadas, a gente tentou realmente trazer coisas que tem realmente a ver com a região, só que foi uma aula que não acabou funcionando muito bem porque teve alguns problemas lá. A professora terminou a aula antes, mas enfim... A gente já tentou trazer realmente mais isso, porque essa aí ficou muito "ah, eles conseguiam", tanto que quando a gente fez essa avaliação, eles lembraram das musiquinhas mesmo, não foi uma coisa que só passou. E nessa aula [aula 2] a gente tentou ter realmente ter uma coisa assim, mais a ver com a região, a gente falou um pouco do folclore, que é uma das coisas que eles estavam vendo antes, então assim, eles já conseguiram assimilar melhor, já estavam indo melhor nessa. Pelo menos no início da aula foi melhor, da aula seguinte [aula 2] do que essa [aula 1]. Nessa daí, acho que realmente não teve uma conexão muito clara com a região, sabe, é uma brincadeira muito geral, acho que todo mundo conhece, aí ficou um pouco, não sei, distante, talvez.

S: Vocês falaram que não necessariamente iria focar nas brincadeiras cantadas, mas o que mais vocês poderiam fazer dentro dessa aula?

[longa pausa]

S: Têm alguma sugestão, Pedro?

P: Talvez essa, recriar mesmo, colocar mesmo brincadeira que "vamos fazer uma brincadeira que nem "vamos fazer um pique-pega aqui, de uma forma diferente que represente", ou então "vamos fazer uma brincadeira de imitação, de tentar identificar as regiões corporais: a cabeça, a orelha do outro, a boca", e a partir disso ir construindo essa noção da atividade, e aí depois eles veem a própria brincadeira cantada em si

V: É, eu acho que ficamos muito preso, que se é brincadeiras cantadas, vai ter que ser isso, meio que a aula inteira, sabe, acho que pelo menos no início a gente estava muito preso a isso. "Ah, vou colocar outra coisa, mas não..."

M: Perde o foco das brincadeiras cantadas, então a gente achava, pelo menos nessa aula primeira, né, na segunda a gente já conseguiu sair um pouco.

V: A gente começou a abrir mais...

M: Mas a gente achava que tinha que ser as brincadeiras cantadas, não importa, tinha que ser cantadas. Então não podia ter, sei lá, um pique-pega, fugia totalmente, pique-pega não é cantada.

V: Mas essa sugestão iria ficar muito legal.

P: É porque quando você pega a própria, o intuito da brincadeira cantada e o porquê ela existe, ela existe porque ela quer contar alguma história para a criança, ou então quer ensinar algo para criança. E então, quando vocês criam alguma atividade em torno da própria letra da música, vocês estão contribuindo para esta compreensão do brinquedo cantado em si, que é o objeto central o brinquedo cantado, só que os alunos experimentam de outra forma para poder compreender ele.

S: É, e assim, eles não estão só cantando, eles estão também se movimentando, e através de um jogo, até mesmo de alguma brincadeira, a gente pode trabalhar com esse mesmo tema. Como é que vocês viram a participação das crianças, nesse episódio?

M: Na primeira música foi melhor, eles participaram. Tanto que no início, nós pensamos assim, vamos esperar eles ouvirem a música no início para depois dançar e cantar. Só que quando a música começou a tocar ele já quiseram fazer, então todo mundo aí já levantou e começou a fazer. Só que na segunda, eles não se envolveram tanto como na primeira.

S: Entendi. Como é que vocês acham que eles se sentiram fazendo essas atividades que vocês propuseram? Qual o sentimento deles?

V: Acho que na primeira atividade eles... acho que eles gostam muito de musiquinhas assim, a gente percebe até com a outra professora também. Eles sempre estão cantando, sempre quando começa eles já vão juntos. E acho que na primeira atividade eles gostaram, assim, estavam envolvidos. Só que, não sei, se nas outras eram mais difíceis.

M: Eu acho que talvez na segunda era um pouco mais rígido, igual o Pedro falou também no outo episódio, que na primeira eles tinham a liberdade maior, rodava e acabava se jogando no chão, porque eles adoram um chão. Na segunda não tinha tanta liberdade, então era muito engessado, realmente, o movimento. Na primeira já era mais livre, então isso pode contribuído para eles não quererem fazer a música toda.

S: Entendi. E vocês conseguem me falar qual foi a maior dificuldade que vocês tiveram para o desenvolvimento dessa aula?

V: A gente não soube até como conversar mesmo, sabe, se eu posso brigar, o que eu vou falar, de qual forma vou... sabe, a gente ficou meio, não sei!

M: A gente não sabia lidar, a gente não sabe lidar com eles ainda, porque era a primeira aula, a gente tinha observado quatro, mas não era ainda muito contato suficiente para saber, então...

S: E isso vocês não planejaram?

M: Em que sentido?

S: Nesse primeiro contato.

P: Como conversar com eles, como trazer eles, brincar com eles.. nesse sentido.

V: Mais ou menos.

V: Eu acho difícil para mim, assim. Eu não tenho tanto contato com criança, sabe.

S: De uma forma mais geral?

V: É, de uma forma geral, não tenho assim, e a muitos anos. Então assim, eu tenho essa dificuldade de, nossa, como eu converso, sabe, como que é. Então acho que no início foi mais... Mas a gente observou a aula e deu para ter uma noção, só que na hora que a gente está lá, a gente ter que intervir mesmo, é mais difícil. Que se a gente não tivesse observado, seria mais difícil, com certeza.

S: Então, assim, face a isso, que são coisas que as vezes a gente nem pontua no nosso planejamento, no nosso plano de aula, e esses contratempos eles acontecem, como a própria dispersão, o tempo que a gente tem que organizar esse tempo, que as vezes parece ser longo e ao mesmo tempo parece ser curto. É, desses conflitos que as crianças têm, como é que vocês conseguem contornar esses contratempos, visto que aparentemente vocês não pontuam isso no plano e as coisas acontecem. Como que vocês contornam esses contratempos?

V: Conversando...

M: Que de acordo com o momento também, né. Depende muito do que acontece.

S: E sempre dá certo?

M: Olha, normalmente tem dado.

V: Só que assim, uma coisa que a gente tem dificuldade é quando a crianças não quer participar da atividade. Então, assim, a gente planejou e acho que todo mundo ia acabar se envolvendo, aí tem uma que sempre fica lá no canto, não quer. E assim, a negociação com cada uma é sempre diferente, o jeito de negociar e como negocia. "Ah! Vamos participar!", tento trazer e tudo mais. Só que assim, tem criança que se recusa a todo custo, não quer e não quer. Aí teve uma cena que a professora foi lá, pegou, carregou e colocou na roda, e uma coisa que eu particularmente não concordo. Não sei se a gente tem que fazer isso, mas não me sinto confortável fazendo isso.

S: Tá! Então o que você faria?

V: Sabe, assim, deixaria lá, porque também a gente não pode ficar a aula inteira só com aquela criança, sei lá, conversando...enfim. Mas a gente sempre tenta também não deixar a aula inteira sentada. Então vou lá, e digo "então se não quer, fica aí". A gente começa a se envolver na atividade, aí vamos e mostra que está todo mundo brincando, todo mundo correndo. Aí tento durante a aula, em alguns momentos, tentando negociar, pra tentar

trazer. Mas o carregar, pegar e botar na roda, eu não me sinto confortável para fazer, porquê tem alunos que se recusam na primeira vez que você vai lá conversar, tem criança que não quer. Aí então a agente vai mais algumas vezes, está interessante e todo mundo está se envolvendo, aí ela acaba... aí a gente traz. Só que, assim, no dia que aconteceu isso, não queria realmente participar. Aí, acho que foi a Bia, não queria e não queria, aí a professora foi lá, pegou ela no colo e "botou" na roda. E aí foi assim. Não sei se eu deveria ter feito isso. Isso é uma questão que eu fiquei bastante em dúvida do que fazer, porque a gente tenta negociar.

S: Pedro, você poderia falar um pouquinho desta questão do planejamento e esses contratempos que acontecem na ação pedagógica?

P: É, particularmente, eu senti que vocês estão sabendo lidar com esse contratempo, no sentido de que no episódio passado, mesmo que inconscientemente a Maíra não viu o José correndo, ela deixou ele correr, ela estava correndo, e ela no momento oportuno ela chamou para fazer, e aí foi e mostrou. Cada criança vai ter seu tempo, o que a gente pode fazer é adiantar com conversa, mostrando ela "olha como está legal!", "você gosta de macaco?", "já ouviu essa música em algum lugar? Quem canta é a Xuxa. você gosta dela? A Xuxa faz desse jeito, vamos lá fazer?". Aos poucos vai tentando acelerar esse processo de aceitação da criança, porque se pegar ela forçado e colocar ela lá, vai ficar emburrada sentada e não vai fluir.

S: Isso que o Pedro colocou é importantíssimo, não só para essas atividades cantadas, mas para tudo. É fazer com que a criança perceba o sentido, ou fazer com que a atividade faça sentido para aquela criança, o momento em que você falou: "Olha, quem já ouviu essa música? Vocês viram no..." (acho que eles nem sabem quem é a Xuxa hoje). Eu não consigo nem dar um exemplo atual, mas... Vocês conseguem fazer uma associação e fazer com que aquilo faça sentido. No momento em que vocês estão dando a aula, quando vocês falam que isso estava na Galinha Pintadinha, eles meio que chama atenção. Então, assim, é tentar ao máximo trazer atividades que vocês consigam fazer essa associação entre o movimento e o real. Acho também que essa seria uma boa estratégia para vocês.

P: E uma coisa, eu acho interessante até o que a Vanessa colocou, porque você não está dando aula só para aquela criança que está ali sentada, você precisa dar atenção para as outras. Então vão ser momentos pontuais que você vai ir sem enrolar com a criança. Vai lá, tenta trazer ela, motivar, volta - em momentos oportunos. Toda vez que aparecer uma brecha, vai lá para tentar chamar e trazer, porque cada vez que vocês forem nela, podem de alguma forma acelerar esse processo de aceitação dela, que aí por vontade, ela vai

chegar a fazer, ou sequer prestar atenção naquele movimento e alguma hora ela vai tentar fazer na cabeça dela.

S: Pois é! Então, uma coisa que eu fico batendo sempre, pergunto vocês com relação ao planejamento. Porque as vezes ficamos sempre muito preocupado com a atividade, como a atividade vai acontecer, qual a duração da atividade, mas essas outras questões que podem comprometer a atividade a gente não pensa, meio que "vamos ver o que vai acontecer durante a aula, os contratempos". Então, assim, eu acho que minha sugestão é sempre quando vocês forem fazer uma aula pensei nas possibilidades, nas coisas que podem acontecer numa determinada atividade, o que o José faria, o que que a Evilyn faria, o que que a Evilyn gosta. A Evilyn gosta de macaquinhos, por exemplo. Então tenta trazer atividades que chamem a atenção, nesse sentido. É obvio que a gente não vai ter este controle da totalidade, mas a gente tenta preencher essas lacunas que podem vir a acontecer. Eu acho que isso perpassa só o escrito, só a questão mais bruta, que é atividade, mas estas outras questões precisam ser pontuadas. Aí que as coisas começam a fazer realmente sentido.

Vocês acham que a turma tinha noção das atividades que vocês propuseram nessa atividade específica, de acordo com o objetivo?

M: Nessa não, os meninos estavam só imitando mesmo. A primeira eu acho até que elas sabiam fazer por si só, mas a segunda foi imitação.

V: Eles ficavam assim, olhando mesmo para a gente, aí tudo que a gente fazia eles estavam repetindo, por imitação;

S: Então, só retornando aquela pergunta inicial, vocês conseguiriam fazer uma nova atividade com o mesmo objetivo?

M: Talvez voltando para que o Pedro falou, de primeiro fazer... Ah, eu pensei em uma atividade tipo falando partes do corpo, por exemplo, orelha, e todo mundo ter que pegar, que aí ajudaria a assimilar. Eu já vi também uma atividade (que também fugiria um pouco do objetivo da aula) que vai falando as partes do corpo e tem um cone, assim, uma dupla, sendo um contra o outro. Aí quando falasse alguma coisa pega, aí tinha que pegar o cone. Então, não necessariamente essa atividade, mas uma que tivesse mais consciência corporal antes de fazer a música, aí depois disso a música.

S: Gente, vocês vendo a cena de novo, com esses vídeos, vocês acham que o objetivo foi concluído, o planejamento alcançado, o objetivo alcançado? Saiu como vocês planejaram?

V: Como a gente planejou não. A gente achava assim, que por eles gostarem mais de musiquinhas assim, achávamos que iria funcionar melhor, os alunos iriam se envolver mais...

P: E a música, ajudou vocês na organização da aula que vocês adotaram? Vocês davam o "play" na música e, vamos ver o que acontece... Isso ajudou?

V: A escolha da música?

P: Não! A própria utilização da música. Por que vocês tinham oportunidade no meio, ou pensaram em algum momento em "olha, a turma está muito dispersa, vou pausar aqui e aí vou chamar atenção dos alunos, ou vou mostrar para eles, tentar trazer eles"? Vocês acham que conseguiram fazer o uso da música na visão de vocês, com que ela contribuísse para a aula?

M: Acho que o problema da música, por exemplo, ela tem um tempo determinado e a gente esperava. Não intervia muito durante a música, então a gente esperava acabar música para depois intervir, então isso pode ter piorado também a questão...

S: Você acha?

M: Sim!

S: Faltou um "stop", né!?

M: É, porque, por exemplo, naquela música última lá que muitas crianças estavam sentadas, aí, tipo assim, a gente estava vendo e estava sabendo que precisava intervir, mas não intervia porquê a música estava rolando.

V: E uma coisa que hoje em dia a gente, não é com música, mas a gente consegue intervir muito mais. Então, assim, as vezes está fazendo a brincadeira e não está dando certo, tipo, a criança não estão cumprindo com objetivo ou com a regra que a gente colocou, então para e a gente vai, explica de novo.

S: Hoje vocês conseguem fazer?

V: Hoje a gente faz, muito mais. Então, assim, o objetivo não está sendo cumprido, a criança não está obedecendo a regra (a gente coloca uma regra para a atividade), aí a gente para, explica de novo, mostra de novo e tal.

P: Vocês tentam tomar a atenção muito frequente ao objetivo, sempre? "Olha agora a gente vai estar fazendo tal atividade, então o objetivo dessa atividade que a gente esperava era esse." Então, sempre monitorando essas crianças, se elas estão seguindo, como fazer ali... isso daí vocês tem bem em mente, claro, quando vocês estão executando a aula? Em mente o objetivo da atividade, quando eles saem vocês sabem se é o momento certo para intervir hoje, atualmente.

V: Acho que sim!

S: Vocês conseguem intervir?

M: Sim, nós temos sempre a cada parte da aula qual que é o motivo de aquilo estar ali. Então nós planejamos isso junto com o objetivo da aula. Então, por exemplo, o objetivo da aula é cooperação, então dentro da aula tem que ter esses elementos. Então a todo momento...

V: A gente vai retomando também....

M: Se está tendo cooperação, aí depois volta e fala se "vocês perceberam...", alguma coisa assim.

S: Qual é a abordagem pedagógica que vocês trabalham?

M: Crítico-superadora.

V: Assim, a gente faz isso no meio da aula, sabe. "A gente fez tal atividade, e o que a gente fez na atividade, o que..." [extraio da gravação]. A gente tenta voltar para ajudar o coleguinha, tem que... enfim, a gente sempre tenta voltar mesmo.

P: Vocês acham que este modelo de pausa no meio da aula está contribuindo de alguma forma para o andamento do planejamento?

M: Sim! Acho que ajuda a cumprir o objetivo. Acho que até os contratempos também ajudam na aula, sabe, a contribuir. Porque às vezes começam a empurrar demais, então a gente tem que intervir, falar "não pode!", tudo isso e tal. Então acho que essa intervenção é importante até com esses contratempos.

P: E, só uma última coisa que eu gostaria de perguntar desde o início. Vocês acham que vendo esse vídeo, lembrando deste episódio passado e de tudo que vocês falaram, tudo que vocês comentaram, vocês conseguem ter em mente uma evolução de vocês? De uma aula dessa que foi a primeira aula para a quarta, e vocês já estão na sétima.

V: Com certeza!

M: Sim!

V: Até o próprio início da aula eu acho que a gente demorou muito para... as crianças não estavam nem aí, não estavam entendendo o que a gente estava falando.

M: Dinossauro! Nossa senhora!! Eu ouvi no mínimo 10 dinossauros ali quando eu coloquei as músicas.

V: hoje em dia eu acho que a gente está, melhorou muito.

S: Qual o sentimento de vocês ao se ver de novo?

M: Nessa aula? Eu era mal, ein!? Ainda bem que o tempo passa. A gente aprende. Esse aí, realmente.

S: Vocês conseguem ver?

V: É! fica nítido vendo o vídeo.

M: Depois do vídeo ficou bem nítido.

V: Porque, assim, a gente consegue resolver os contratempos muito melhor hoje do que nas primeiras aulas. Vendo o vídeo, fica muito claro até o próprio falar com as crianças.

P: Em chamar a atenção no início

M: É porque no início a gente não sabia como lidar, se podia falar mais firme ou não, se tinha que ficar passando a mão na cabeça, entendeu?

P: A gente tem isso em mente que não pode brigar com a criança, não pode chamar a atenção.

M: A gente nunca tinha dado aula, nem pra essa idade, nem pra essa turma, então a gente tinha muito receio. Não sabia lidar.

S: Meninas, para finalizar. Mais alguma coisa que queira falar que não foi falado? Algo a comentar?

V e M: Não!

P: Também não!